

## **LUUANDA: UM CASO DE HIBRIDISMO LINGÜÍSTICO E CULTURAL**

Paulo ANDRADE<sup>1</sup>

VIEIRA, L. **Luuanda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Nascido em Portugal, o escritor Luandino Vieira passou a infância e a juventude em Luanda, onde participou do movimento revolucionário de libertação nacional e foi um dos agentes do nascimento da República Popular de Angola. Entre 1961 e 1972 ficou preso por atividades anticolonialistas. Este momento foi extremamente profícuo para o autor. Em 1963, escreveu o livro de contos *Luuanda* (2007), recém lançado aqui no Brasil pela Companhia das Letras, conjunto de três narrativas que retratam a dura realidade da vida dos musseques, como são conhecidos os bairros pobres de Angola.

A consciência nacional dos países africanos é um fato recente e ainda está em *processo* de afirmação. A independência política ocorreu em 1975 e as dificuldades são muitas. Há todo um passado colonial de cinco séculos que precisa ser removido. A mentalidade colonial persiste, coexistindo com o subdesenvolvimento em quase todos os setores de atividade.

Entretanto, a língua portuguesa acabou sendo um legado positivo deixado pelo colonizador; significou a afirmação de um sentido de unidade nacional, pois as línguas bantas, tradicionais estão ligadas a regiões muito particularizadas. Utilizar o português como língua oficial é, portanto, evitar o confronto ou a soberania lingüística de uma região sobre outras.

Ao efetivar a transposição da língua dos musseques para a literatura, Luandino Vieira recorre ao português angolizado e ao quimbundo, língua genuinamente angolana, que a política assimilacionista do governo de Salazar combateu intensamente. Além de reforçar a oralidade dos textos, esse bilingüismo atesta o desejo de reivindicar, para o quimbundo, o reconhecimento que tanto tempo lhe fora negado. O bilingüismo explorado em *Luuanda* é utilizado como forma de desafio à hegemonia imposta pelo colonizador.

---

<sup>1</sup> UNICASTELO – Universidade Camilo Castelo Branco. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Departamento de Letras. Descalvado – SP – Brasil. 13690-000 – paulo\_andrade@vivax.com.br

A busca de afirmação de uma identidade crioula não acaba em si mesma, mas é ponto de partida de um longo caminho que leva ao reconhecimento de um modo de existir angolano. Desde os anos 1960, Luandino Vieira vem se empenhando para a necessidade de construir uma tradição literária autenticamente angolana, buscando reconhecer aquilo que é a base da criouldade: a aceitação do caráter mestiço e híbrido da cultura angolana, levando em consideração as várias tendências envolvidas nesse processo.

A sintaxe normativa da língua portuguesa, ao sofrer interferências de uma outra norma de falar, torna-se às vezes cômica ou tem, em certos momentos, um efeito imprevisível. A adoção de modos gramaticais do quimbundo no uso da língua portuguesa está de acordo com a construção de um estilo que apresenta semelhança com a oralidade africana. Assim o discurso indireto livre coaduna-se com a coloquialidade africana e o modo de narrar solto, simulando a espontaneidade popular, como se pode notar no conto “Estória do ladrão e do papagaio”:

Porque polícia é assim: chegaram na casa da madrinha dele, nem que pediram licença nem nada, entraram e perguntaram um rapaz mulato, coxo, Garrido Fernandes, e quando ele adiantou sair no quarto, a cara cheia de sono, os olhos azuis a piscar como medo da luz da tarde, falaram logo sabiam ele tinha ido com Dosreis, um verdiano, assaltar o quintal de Ramalho da Silva e roubado um saco de patos, o Lomelino é que tinha falado tudo, não adiantava negar, melhor veste a camisa e vamos embora. (VIEIRA, 2007, p.98).

Notem-se como as indicações de lugar (chegar *a*; sair *de*) são exatamente iguais, ainda que os movimentos sejam contrários (“chegaram na casa” e “sair no quarto”); o pronome com função de relativo (“nem que pediram licença”) está gramaticalmente a mais quanto à norma portuguesa, mas desempenha aqui o papel de *muleta* sonora, rítmica, de angolanização; o termo “adiantou sair” transmite uma sensação forte de movimento; a elisão do integrante (“sabiam ele tinha ido”) implica a separação nítida dos dois atos (saber/ir); a passagem do discurso indireto livre para o direto, sem sinalização do fato (“não adiantava negar, melhor veste a camisa e vamos embora”), produz uma aceleração discursiva, logo uma presentificação mais eficaz e saborosa na história.

Há ainda uma série de outros procedimentos como as supressões fonéticas (*‘marelo e dolescente*), elipses do artigo, da preposição, da conjunção *que* (“parece é um criança”), (“eu só juro não falei mentira e estes casos passaram nesta nossa terra de Luanda”), “parecia sabia mesmo não tinha ...”), apenas para citar alguns.

O fenômeno da renovação lingüística verificada em *Luuanda*, não se restringe ao trabalho com elementos morfológicos e sintáticos, mas atinge também os elementos estruturais da narrativa. O trabalho sofisticado que empreende com o foco narrativo e a complexidade que resulta da mistura de tempos demonstram o esforço para mimetizar na escrita a fluidez do contador oral. Suas narrativas

resultam, desse modo, numa verdadeira polifonia, com a encenação de diversas vozes e pontos de vista, sem hierarquia entre elas.

As narrativas fazem-se palco, restando ao leitor trabalhar uma leitura interrogativa, que requer verdadeira mutação em seu processo tradicional, na qual deve-se aplicar os olhos e os ouvidos.

